


O DIÁLOGO BÍBLICO EM A VIA CRUCIS DO CORPO

Teresinha V. Zimbrão da Silva*

 <https://orcid.org/0000-0002-9866-1151>

Rosina Bezerra de Mello Santos Rocha**

 <https://orcid.org/0000-0003-2685-8489>

Como citar este artigo: SILVA, T. V. Z. da; ROCHA, R. B. de M. S. O diálogo bíblico em *A via crucis do corpo*. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 1-13, set./dez. 2021. DOI 10.5935/1980-6914/eLETD02114808

Submissão: setembro de 2021. **Aceite:** outubro de 2021.

Resumo: Há séculos a literatura vem dialogando com diferentes áreas do conhecimento. Neste artigo, vamos tratar do diálogo entre a Bíblia e a literatura na obra *A via crucis do corpo*, de Clarice Lispector. Explicitaremos, no texto clariceano, as passagens que fazem referência às narrativas bíblicas, a começar pelo próprio título, *via crucis*, e analisaremos esse diálogo como a forma encontrada pela escritora para marcar uma encenação de sofrimento ao escrever um livro por encomenda e sobre sexo, tema polêmico à época.

Palavras-chave: Bíblia. Literatura. Clarice Lispector. *Via crucis*. Contos.

* Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, Brasil. E-mail: teresinha.zimbrao@gmail.com

** UFJF, Juiz de Fora, MG, Brasil. E-mail: rosinabezerrademello@gmail.com

INTRODUÇÃO: A LITERATURA E A BÍBLIA

A Bíblia é inquestionavelmente uma extraordinária obra de literatura
(MILES, 1997, p. 27)

■ **A** Bíblia é constituída por uma antologia de livros que são sagrados para o povo judeu (Velho Testamento) e para o povo cristão (Velho e Novo Testamento). Para Harold Bloom (2001, p. 15), a Bíblia é a antologia literária da cultura judaico-cristã:

O texto original do que hoje chamamos de Gênesis, Êxodo e Números é trabalho de um narrador magnífico, certamente um dos maiores contadores de história do mundo ocidental. [...] Pense em figuras como José, Jacó e Jeová. São todos personagens maravilhosos. E os efeitos poéticos dos textos são extraordinários [...]. Os profetas [...] eram grandes escritores, assim como os autores do Evangelho [...]. A Bíblia é uma vasta antologia da literatura de toda uma cultura.

E como tal, Bloom (2010) defende que a Bíblia não poderia deixar de estar presente no cânone literário ocidental. Afinal, como ainda sublinha Salma Ferraz (2003, p. 100): “a *Bíblia* está entre os maiores *best-sellers* de todos os tempos e é uma obra clássica da literatura mundial”. Essa parece ser também a opinião de Northrop Frye (2004, p. 14), quando defende: “a abordagem da Bíblia de um ponto de vista literário não é de *per si* ilegítimo: nenhum livro poderia ter uma influência literária tão pertinaz sem possuir, ele próprio, características de obra literária”.

Sendo, por sua vez, um clássico do cânone literário, a Bíblia tem exercido uma influência pertinaz sobre a maioria dos autores da literatura do Ocidente. A esse respeito, lembra Antônio Magalhães (2000, p. 101): “Não faltam exemplos de como parábolas, imagens, motivos da *Bíblia* são usados nos grandes e pequenos escritos da literatura ocidental”. E continua: “Em todos eles, há uma tentativa de recontar a história a partir de novas vivências ou questioná-las a partir de novos valores” (MAGALHÃES, 2000, p. 101). Por meio dessas histórias da Bíblia recontadas por esses autores, “vemos as diferentes formas que os textos vão assumindo na tarefa que a literatura se colocou de interpretar e narrar em linguagem própria narrativas bíblicas que povoam os ideais ocidentais” (MAGALHÃES, 2000, p. 103).

Assim, neste artigo, estudaremos como a autora Clarice Lispector (1920-1977) recontou o tema da *via crucis*, que veio a interpretar e a narrar em linguagem própria, na sua obra composta por 13 contos e publicada em 1974 intitulada *A via crucis do corpo*.

CLARICE LISPECTOR E A BÍBLIA

É significativo o fato de que um bom número de autores usa, por exemplo, citações e narrativas bíblicas para ilustrar acontecimentos do cotidiano hodierno
(MAGALHÃES, 2000, p. 101).

Assim como outros grandes autores da literatura ocidental, Clarice Lispector, desde a publicação de seus primeiros livros, dialogou com a Bíblia, convocando então desde alusões a citações explícitas, tal é o caso de *A via crucis do corpo*. De fato, como sublinha Berta Waldman (2011, p. 4):

Na obra de Clarice Lispector avulta, ainda, a presença de referência ou citação bíblica. A primeira tentação é a de atribuir essa forte presença a uma possível educação judaica da romancista. Mas, além da presença judaica, verifica-se também a cristã [...]. Todavia, é certo que a Bíblia lhe serviu de base [...]. Além das citações explícitas, como ocorre, por exemplo, em *A via crucis do corpo*, em que o título remete ao espaço do martírio de Cristo, reforçado por epígrafes provenientes dos textos fundamentais das religiões judaica e cristã (Salmos, Lamentações de Jeremias, etc.), [...] há algumas obsessões que fazem eco ao texto bíblico, e dizem respeito a uma concepção de mundo [...].

Como notou Waldman, não há como escapar ou evitar a associação do título da obra ao sofrimento experimentado por Jesus no caminho em direção ao calvário, local onde foi crucificado. Rocha e Silva (2020, p. 72) ressaltam que o primeiro sentido interpretativo de *via crucis* relaciona-se ao sofrer: “*Via* é caminho, é trajetória; *crucis* é cruz, refere-se ao sacrifício, ao sofrimento”. Isso ocorre pela relação com os episódios da Paixão de Cristo. Na Teologia, a cruz pode também ser entendida por seu aspecto de ligação direta com o divino. Assim, a cruz é o caminho. É o caminho para a interioridade e para o encontro com a alma. É ainda, na psicologia, segundo Bonaventure (1984), a possibilidade de cura para dores e feridas, de autoconhecimento e de realização.

Notemos que a *via crucis* clariceana se define no título como sendo do corpo. De acordo com Miranda (2000), o corpo simboliza a edificação biológica e espiritual da humanidade, um conceito teológico judaico. A cada parte do corpo é atribuída uma função simbólica que faz parte de uma estrutura maior designada, dentro da linguagem bíblica, de árvore das vidas (dos diferentes modelos de vidas). “O ser humano é uma árvore dos campos” (Deuteronômio 20:19). Assim, a experiência de crescimento, de desenvolvimento e de realização está intimamente ligada à experiência do corpo. Miranda (2000) destaca que as leis inscritas na linguagem sutil dos corpos são as leis que governam a vida. O corpo humano é o instrumento que conduz à felicidade. “O corpo é um ser em construção sobre a rocha da identidade divina de cada um” (MIRANDA, 2000, p. 17).

A sacralidade do corpo, ou a noção bíblica de corpo, está expressa, principalmente, nos livros da Torá ou do Pentateuco. A palavra hebraica para simbolizar a humanidade é Adão. Este vocábulo simboliza também a forma original do corpo, sem os padrões de beleza idealizados, narcísicos, causadores da alienação corporal. “É o corpo genuíno, divino, aquele que é por excelência a imagem de Deus” (ROCHA, 2020, p. 74). O corpo é também representação da cruz. Ele é a edificação e o instrumento do *religare*: céu e terra; natureza biológica e natureza divina; corpo (matéria) e alma (espírito). “Essa união entre céu e terra se realiza quando o sujeito encontra sua identidade mais profunda. O corpo é a via natural da experiência do autoconhecimento” (ROCHA, 2020, p. 74). Contudo, a cultura cristã por séculos impôs a supervalorização da alma em detrimento do corpo. Se considerarmos essa imposição normativa, podemos interpretar a definição clariceana de *via crucis* “do corpo” como proposta transgressora de resgatar o valor da corporeidade, incluindo o corpo como parte importante no caminho do autoconhecimento e da realização, ou seja, o corpo é o caminho, e precisa ser resgatado na *via crucis* de cada um.

Rocha (2020) analisa esse livro de Lispector como sendo a *via crucis* trilhada pela autora-narradora e suas personagens, em busca do *religare* de corpo e alma.

Defende que, ao terem, inicialmente, contrariado seus corpos e seus instintos, autora e personagens distanciaram-se de si mesmas, até que por meio de sofrida *via crucis*, transgredindo normatividades, conciliaram-se com sua corporeidade e instintividade, ou seja, atingiram o seu *religare* de corpo e alma, vivenciando, enfim, a experiência do renascimento e da ressurreição, tal como Cristo.

Assim, embora o caminho da cruz seja inicialmente doloroso, por provocar transformações profundas, seu final é glorioso. A mudança provoca dor e prazer. Nas epígrafes que antecedem o prefácio, intitulado “Explicação”, Clarice Lispector parece conhecer a dualidade da *via crucis*, seu caminho de sofrimento e de realização, de corpo e alma, e por isso alterna citações bíblicas com falas mundanas, transcritas aqui como foram registradas na primeira edição:

A minha alma está quebrantada pelo seu desejo. (salmos 119:12)

Eu que entendo o corpo. E suas exigências. Sempre conheci o corpo. O seu vórtice estonteante. O corpo grave. (personagem meu ainda sem nome)

Por essas cousas eu ando chorando. Os meus olhos destilam água. (lamentações Jeremias)

E bendiga toda a carne o seu santo nome para todo o sempre. (salmo de David)

Quem viu, jamais vida amorosa que não a visse nas lágrimas do desastre ou do arrependimento (não sei de quem é) (LISPECTOR, 1974, p. 7).

Podemos observar que há um jogo ambíguo de palavras enfocando corpo, alma, sofrimento e desejo. Tal ambiguidade continua à medida que viramos a página e lemos a explicação/prefácio. Nele, a ficcionista esclarece as condições difíceis de escrita dos contos que compõem o livro: por encomenda (o tema deveria ser sexo, o que no entendimento da ficcionista “era assunto perigoso” (LISPECTOR, 1974, p. 9); prazo curtíssimo; e, dos 13 contos do livro, três tinham como base fatos reais noticiados em jornal, são eles: “Miss Algrave”, “O corpo” e “Via crucis”.

Notemos que nesse prefácio/explicação, a ficcionista posiciona-se na função de autora-narradora e também de personagem. De fato, além da “Explicação”, ao longo da obra, nos contos “O homem que apareceu”, “Por enquanto” e “Dia após dia”, nos deparamos com narrações em primeira pessoa em que a autora-narradora, além de introduzir outros personagens com quem conversa, tematiza o seu cotidiano de corpo e alma (que inclui desde “fazer pipi” a ouvir “Danúbio azul”), esclarecendo os caminhos percorridos durante o processo criativo e assumindo cada vez mais a postura de personagem que encena um sofrimento: a sua *via crucis* de corpo e alma da criação do livro.

Na explicação prefacial, mesmo tentando recusar a encomenda do editor, por não acreditar ser capaz de escrever sob tais condições, a autora já se descobre inspirada: “enquanto ele me falava ao telefone – eu já sentia nascer em mim a inspiração” (LISPECTOR, 1974, p. 9). A encomenda foi feita numa sexta-feira; no domingo, o livro que seria concluído na segunda-feira estava quase pronto: “é domingo e até Deus descansou. Mas eu trabalhei o dia inteiro” (LISPECTOR, 1974, p. 60). Coincidentemente, sexta-feira foi o dia da prisão e julgamento de Cristo e sua caminhada até o monte Calvário, onde foi crucificado. A autora afirma, por diversas vezes, seu sofrimento ao escrever, seu choque com o real: “E quem mais sofreu fui eu mesma. Fiquei chocada com a realidade” (LISPECTOR, 1974, p. 9). Faz referência à passagem bíblica sobre a pecadora (João 8:1-11),

quando compara a encomenda do livro à prostituição: “não escrevo por dinheiro e sim por impulso, vão me jogar pedras” (LISPECTOR, 1974, p. 10). E defende-se: “não sou de brincadeiras, sou mulher séria” (LISPECTOR, 1974, p. 10). E, ao mesmo tempo que sublinha as condições difíceis da escrita do livro, sente, ambigualmente, a inspiração nascer e o seu desejo de responder “sim” ao desafio.

Já mencionamos que estudaremos, no presente artigo, como a autora Clarice Lispector recontou, por sua vez, o tema da *via crucis*. Rocha (2020) sugeriu essa comparação no seu trabalho, mas não a desenvolveu. Notemos, pois, com relação às referências bíblicas, que o livro pode ser relacionado às 14 estações da Via Sacra: os 13 contos mais a “Explicação” somam 14 estações. A autora-narradora-personagem recebeu o telefonema de encomenda na sexta-feira e, três dias depois, ou seja, na segunda-feira, depois de passar pelas 14 estações, escrevendo 14 textos, terminou, enfim, o livro, ressuscitou e libertou-se da encomenda: “Hoje, 13 de maio, segunda-feira, dia da libertação dos escravos – portanto da minha também” (LISPECTOR, 1974, p. 10).

Se considerarmos o livro como um todo, a obra completa, temos a 15ª estação – a ressurreição. A 15ª estação da Via Sacra foi instituída pelo Papa João Paulo II nos anos de 1980, de forma opcional, mas já se anunciava na 14ª com o sepulcro de Jesus. O 15 é o resultado da multiplicação de dois números sagrados, 3 x 5. No judaísmo, representa o banquete em família referente ao Êxodo, o ponto alto do *Pessach*, a celebração judaica da Páscoa, e reproduz os 15 passos para a realização. Em algumas culturas é considerado o produto da relação entre o divino (três) e o humano (cinco), que se atualiza em termos do ato criador.

É a encenação de uma *via crucis* da criação por parte da autora-narradora-personagem – desenvolvida sobretudo nos quatro textos “Explicação”, “O homem que apareceu”, “Por enquanto” e “Dia após dia” – que estudaremos aqui. Para tanto, nos propomos em seguida a estabelecer a relação entre *A via crucis do corpo* e as 14 estações da Via Sacra. Não incluiremos, no presente estudo, os outros personagens criados pela autora e suas respectivas histórias, narradas em terceira pessoa, ao longo dos outros dez contos – estudo que ficará para um próximo trabalho.

A VIA SACRA E A VIA CRUCIS DO CORPO

Principiemos por notar que, antes mesmo da primeira estação bíblica, temos os fatos relacionados ao início da agonia de Jesus no episódio do Monte das Oliveiras. É onde ele comparece rezando e proclamando a célebre frase: “Meu Pai, se for da tua vontade, afasta de mim este cálice” (Mateus 26:39). No prefácio/explicação, a autora tenta convencer seu editor de que não é capaz de escrever por encomenda, tenta recusar. E prossegue, na tentativa de desvencilhar-se da obrigação. “Contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres” (Mateus 26:39), e sente a inspiração nascendo à medida que ele (seu editor) vai narrando os fatos, mas a inclinação à recusa faz que a autora deseje usar um pseudônimo, Claudio Lemos, ou assinar apenas C. L. A informação de que a inspiração já nascia e a tomava dialoga com o salmo registrado nas epígrafes, “A minha alma está quebrantada pelo seu desejo (salmos, 119:12)” (LISPECTOR, 1974, p. 7). A autora-narradora-personagem se descreve tentada pela inspiração e pela ousadia de experimentar algo novo, diferente, transgressor, desafiador: “Além do mais tratava-se de um desafio” (LISPECTOR, 1974, p. 10).

Depois do episódio do Monte das Oliveiras, ocorre a traição de Judas e, logo em seguida, a prisão de Jesus. Aqui podemos destacar que, além das traições que aparecem nas histórias narradas nos contos, há traições sofridas pela autora-narradora-personagem. Qual deve ter sido o sentimento dela ao dar a uma pessoa seu livro para ler e em resposta ouvir que era lixo? Será que se sentiu traída? Ou se sentiu traída pela própria necessidade de escrever sob encomenda, sobre assunto proibido? “Sucumbi. Que podia fazer? Senão ser a vítima de mim mesma. Só peço a Deus que ninguém me encomende mais nada. Porque, ao que parece, sou capaz de revoltadamente obedecer, eu a inliberta” (LISPECTOR, 1974, p. 10).

A autora-narradora-personagem, vítima de si mesma, “inliberta”, capaz de revoltadamente obedecer, parece referir-se às “prisões” literárias da época, sobretudo no que diz respeito aos limites do aceitável ou não quanto às publicações eróticas de autoria feminina. DeFilippo (2008, p. 90) comenta sobre o tema: “Trata-se, sobretudo, de uma produção resultante de um momento cultural que traçou alguns rumos da literatura brasileira nos anos 70, criando o que nela havia de maior luxo ou o que havia de mais lixo”. A ficcionista também parece referir-se às “prisões” relacionadas ao valor literário e mercadológico do seu nome, à sua imagem de autora mística, de monstro sagrado da literatura. Ao conversar com o homem que apareceu, essa questão vem à tona quando ele lhe diz: “Você? A você só importa a literatura” (LISPECTOR, 1974, p. 47). É o que pensam a respeito dela, embora ela o negue: “qualquer gato, qualquer cachorro vale mais do que a literatura” (LISPECTOR, 1974, p. 48).

Em outro conto, “Dia após dia”, a autora-narradora-personagem comenta um telefonema em que recebeu críticas por escrever um livro pornográfico. Após algumas objeções, a pessoa desligou zangada e ela comentou: “Se este livro for publicado com *mala suerte* estou perdida” (LISPECTOR, 1974, p. 64). Logo depois, no mesmo conto, a autora faz a seguinte observação: “Pois é. Sei lá se este livro vai acrescentar alguma coisa à minha obra. Minha obra que se dane. Não sei por que as pessoas dão tanta importância à literatura. E quanto ao meu nome? que se dane, tenho mais em que pensar” (LISPECTOR, 1974, p. 65). E ela, a “inliberta”, liberta-se das prisões literárias, e, “revoltadamente”, obedece à polêmica encomenda, trai o próprio nome e põe-se a escrever o livro sobre o assunto perigoso.

A primeira estação propriamente dita da Via Sacra retrata a condenação de Jesus. A ficcionista pressente a péssima recepção que sua obra receberá. DeFilippo (2008, p. 107) comenta que do ponto de vista estético, ou de gênero literário, *A via crucis do corpo* não pode ser enquadrada como um livro erótico, pornográfico ou existencial, pois “não bastasse ser uma literatura totalmente divergente da produzida pela escritora, é também uma literatura que não cabe na própria tentativa de nomeá-la”. Também Jesus fora condenado sem que lhe fosse imputado um crime que, de fato, pudesse ser nomeado. Não o conseguiram os anciãos do Conselho, nem Herodes e nem Pilatos. O prefácio “Explicação” e o conto “Dia após dia” parecem uma tentativa de a autora-narradora-personagem se justificar e defender-se das críticas já esperadas. Nas palavras de DeFilippo (2008, p. 108):

Clarice mostra-se consciente do que é esperado dela enquanto escritora paga, e mostra-se ainda mais consciente da sua incapacidade de realizar o que dela

esperam. Todo esse processo em que foi gerado o livro cria na escritora uma urgente necessidade de explicar-se: no primeiro texto “Explicação” e no oitavo conto “Dia após dia”, principalmente.

Os fatos relacionados à Via Sacra salientam a negação de Pedro após a prisão de Jesus. Ao ser então questionado se ele conhecia o prisioneiro, o apóstolo negou três vezes. Por três vezes, a autora-narradora-personagem negou dar valor à literatura ao homem que apareceu. Em uma dessas vezes, até jurou: “Juro, respondi com a segurança que vem de íntima veracidade. E acrescentei: qualquer gato, qualquer cachorro vale mais do que a literatura” (LISPECTOR, 1974, p. 48).

A negação figura como estratégia na encenação. A mesma estratégia adotada por Pedro, com medo de ser preso. O medo é uma espécie de fuga ou de libertação. Talvez, por essa razão, a frase de abertura do conto “Miss Algrave”, “Ela era sujeita a julgamento” (LISPECTOR, 1974, p. 18), corresponda a mais uma encenação relacionada ao processo doloroso de escrita dos contos. Ora, todos temos medos e neuroses, todos somos sujeitos a julgamentos. Isso é uma promessa bíblica para o dia do juízo final: “porque Deus julgará toda obra, até mesmo a que está escondida, para ver se é boa ou má” (Eclesiastes 12:14).

Também podemos relacionar essa frase à condenação propriamente dita de Jesus, no episódio em que Pilatos lava as mãos e deixa o povo escolher a libertação de Barrabás. Durante o percurso da vida, somos marcados por encontros conosco e com os outros e, nesses encontros, nós nos decepcionamos e somos decepcionados. Nossa reação aos acontecimentos determina a felicidade ou a tragédia. A ficcionista fez a sua escolha de seguir em frente, e “revoltadamente” obedecer à polêmica encomenda, pois, como ela disse, há também a hora do lixo.

Condenado, Jesus foi coroado com espinhos e açoitado. A título de ilustração, citamos algumas “chicotadas” dadas pela crítica especializada e recebidas pela autora. Logo após a publicação do livro, Emanuel de Moraes (1974) escreveu para o *Jornal do Brasil*, “é um dos livros que não deveriam ter sido escritos” e acrescentou “é lixo literário”; Hélio Pólvora (1974), também no *Jornal do Brasil*, referiu-se ao livro como uma demonstração da “arte de mexer no lixo”; Bruna Becherucci (1974) afirmou em artigo publicado na *Veja* que a obra era “lixo, sim”. Enfim, a coroação de espinhos para um tema espinhoso.

A fim de enfrentar as dificuldades de escrever sobre sexo, a ficcionista recorreu ao exagero, ao ridículo, ao insólito e não pôde nem mesmo receber uma classificação para o seu livro. Contos eróticos? Pornográficos? Essa indefinição também pode ter sido uma estratégia no enfrentamento do tema perigoso, uma vez que a autora-narradora declara que: “não fazia sentido escrever nesse dia histórias que eu não queria que meus filhos lessem porque eu teria vergonha” (LISPECTOR, 1974, p. 10).

Na segunda estação, Jesus carrega a sua cruz. Levar a cruz significa assumir seu destino, ter consciência de que toda e qualquer ação tem consequências e responder por isso. É o desprendimento e a entrega total à obediência e à vontade de Deus: “ao que parece, sou capaz de revoltadamente obedecer, eu a inliberta” (LISPEDITOR, 1974, p. 10). A palavra cruz traz em si as duas dimensões da vida: a material – corpo (o concreto) – e a espiritual – alma (o abstrato). Na tradição judaica, simboliza a morte vencida pelo sacrifício. A noção mais comum de sacrifício é a de expiação, isto é, de purificação. Para os cristãos, a cruz remete à figura de Jesus e à sua história humana. Simbolicamente, a missão bíblica de

Jesus está relacionada à transformação, podendo também representar o processo humano de autoconhecimento (ROCHA, 2020).

De acordo com Sarenthá (1986), entre os sentidos teológicos da cruz podemos citar o sacrifício (expição), a redenção, a satisfação e o mérito. Relacionamos o flagelo e a coroa de espinhos já mencionados a sacrifício/expição. Como mencionamos, parece haver no livro uma proposta transgressora de resgate do valor da corporeidade, tão desvalorizada pela cultura cristã. Assim, na *via crucis* da criação do livro, temos a encenação das dores físicas do ato de escrever, do sofrimento causado por esse esforço: “meus dedos doem de tanto eu bater à máquina. Com a ponta dos dedos não se brinca. É pela ponta dos dedos que se recebem os fluidos” (LISPECTOR, 1974, p. 60). O ato criativo da escritora também causa esgotamento físico. O corpo padece pelo desgaste do ofício: “Fui me deitar. Eu tinha morrido” (LISPECTOR, 1974, p. 51). Mais adiante: “a gente morre às vezes” (LISPECTOR, 1974, p. 62). Parece até que a criação do livro esgota as forças vitais do corpo físico: “Como eu tenho repetido à exaustão, um dia se morre” (LISPECTOR, 1974, p. 63).

A redenção vem com a empatia. Stein (1999) ressalta que a compreensão plena do sentido da cruz só é possível quando há empatia no ato de contemplação dela. Para tanto, Stein sublinha que é preciso despir-se completamente das coisas do mundo, desvencilhar-se das vaidades, do desejo de poder e tornar-se humilde. Assim, carregar a cruz conduz ao profundo mistério da salvação, e, no sentido psicológico, conduz ao aprendizado, ao crescimento interior, à ressignificação da própria existência. Além da autora-narradora, outros personagens que criou conseguem dar novo significado à própria existência.

Não bastasse tomar para si e carregar a própria cruz, Jesus cai por causa do peso tamanho sobre seus ombros. Estamos na terceira estação: “Mas Ele foi castigado por nossos crimes, e esmagado por nossas iniquidades. O castigo que nos salva pesou sobre Ele, e fomos curados graças às suas chagas” (Isaias 53:5). A autora, em quem a crítica iria “jogar pedras”, e as personagens que criou já começam suas histórias condenadas. A cruz que carregam está registrada no vazio de suas vidas. Em “O homem que apareceu”, a imagem do poeta que se torna um bêbado concretiza essa queda e fracasso de modo contundente. A autora-narradora-personagem pensa consigo mesma diante do bêbado poeta com quem conversa em sua casa: “[...] nós todos somos fracassados, nós todos vamos morrer um dia! Quem? Mas quem pode dizer com sinceridade que se realizou na vida? O sucesso é uma mentira” (LISPECTOR, 1974, p. 49). A cruz de cada um é deveras pesada e, durante a Via Sacra, Jesus caiu por três vezes ao carregar a sua.

Na quarta estação, Jesus encontra sua Mãe, Maria. Notemos que em “Explicação”, “O homem que apareceu”, “Por enquanto” e “Dia após dia”, há referências ao Dia das Mães e à importância dos filhos e da família. A simbologia da mãe nos remete à segurança e ao abrigo. Para quem está só, ou perdido, nada é mais seguro e confortante do que o colo de uma mãe. Em “Por enquanto”, é a autora-narradora-mãe quem, solitária, espera pelo filho que vai visitá-la no Dia das Mães: “Ele fez o que pedi: não me deu nada. Ou melhor me deu tudo: a sua presença” (LISPECTOR, 1974, p. 59). Em “O homem que apareceu”, ela se pergunta a respeito do bêbado poeta: “Como posso ser mãe para esse homem?” (LISPECTOR, 1974, p. 51). Mãe é aquela que gera vida em seu ventre. No seu ventre imaginário, a ficcionista gerou uma nova obra, com um parto sofrido, que exigiu dedicação, abnegação e o sofrimento da *via crucis* da criação.

Na quinta estação, Jesus recebe a ajuda de Simão Cirineu para carregar a sua cruz: “Passava por ali certo homem de Cirene, chamado Simão, que vinha do campo, pai de Alexandre e de Rufo, e obrigaram-no a que lhe levasse a cruz” (Marcos 15:2021). Todos precisamos de ajuda. Faz parte da natureza social do ser humano. Como mencionamos, em “O homem que apareceu”, a autora-narradora-personagem encontra o bêbado poeta. Ele estava com neurose de guerra e deprimido. “Eu estava muito triste e sem saber como ajudá-lo. É uma terrível impotência essa de não saber como ajudar” (LISPECTOR, 1974, p. 50). Ela o ajudou conversando e dando-lhe um livro. Ainda que a escolha em prosseguir seja individual, muitas vezes, a humildade está representada na capacidade de reconhecer as limitações, e de pedir ou de aceitar a ajuda do outro. Em “Explicação”, ela recebe a ajuda do editor, que a encoraja a escrever sobre o tema perigoso: “Disse que eu devia ter a coragem de escrever sobre o que eu quisesse” (LISPECTOR, 1974, p. 10). Encorajada, ela inicia a sua *via crucis* da criação.

A sexta estação é o episódio em que Verônica consola Jesus, secando seu rosto com um lenço. O nome significa *vera icona*, ou seja, verdadeira imagem. A autora-narradora-personagem, a princípio, mostra-se preocupada com a sua imagem de escritora consagrada, receia que lhe “joguem” pedras por escrever sobre tema perigoso, mas, ao ouvir o encorajamento do editor sobre a sua imagem, ou seja, a de que era corajosa para escrever sobre o que quisesse, ela, “inliberta”, decide, “revoltadamente”, obedecer à polêmica encomenda, e sucumbir a ser a vítima de si mesma e da sua verdadeira e transgressora imagem.

Na sétima estação, Jesus cai pela segunda vez. As quedas representam as fraquezas humanas. E essas comparecem no livro tanto pelos desvios de condutas de personagens quanto pelo sentimento da própria ficcionista de estar praticando a prostituição ao vender a sua arte. Considerando a desvalorização cristã do corpo, poderíamos ainda incluir como “fraqueza humana” – afinal, a nossa é “carne fraca” (LISPECTOR, 1974, p. 62) – as necessidades do corpo que comparecem enfatizadas e valorizadas no livro, desde as mais fisiológicas, tais como “fazer pipi”, comer, tomar banho, até as mais prazerosas, como ouvir música, fumar, conversar com o outro... Na verdade, a necessidade da presença do outro é deveras enfatizada e valorizada pela autora-narradora-personagem quando escreve sobre a sua solidão: “O telefone não toca. Estou sozinha. Sozinha no mundo e no espaço” (LISPECTOR, 1974, p. 60). E mais adiante, “por que me deixaram sozinha no domingo?” (LISPECTOR, 1974, p. 66).

Na oitava estação, temos o encontro com as mulheres de Jerusalém que choram por Jesus e ele as consola. Nesse encontro, há um chamado ao compromisso e ao enfrentamento da realidade que se apresenta: é preciso saber carregar a própria cruz, assumindo as consequências das próprias escolhas. De nada serve lamentar, por palavras, os sofrimentos se a vida continuar igual. A autora-narradora-personagem assume a responsabilidade por sua escolha de escrever sobre o tema perigoso: “Mas há hora para tudo. Há também a hora do lixo” (LISPECTOR, 1974, p. 10). Ela se desapega do seu nome e da sua imagem consagrada e aceita se arriscar em direção ao desconhecido.

A terceira queda é a nona estação da Via Sacra. Notemos que, em “Por enquanto”, ficam mais evidentes os tombos, percalços e dores do ofício de escrever, o vazio da falta de inspiração, a solidão, o passar das horas... o final que não chega. “Quando a gente começa a se perguntar, para quê? então as coisas não vão bem. E eu estou me perguntando para quê. Mas bem sei que é apenas ‘por enquanto’”

(LISPECTOR, 1974, p. 51). É preciso resistir, pelo menos por enquanto, afinal, falta pouco, é a terceira e última queda.

A décima estação relata o episódio da retirada das vestes de Jesus, que sofre a humilhação e o desprezo dos soldados, o total desrespeito pela pessoa humana, pelo seu corpo e pela sua intimidade. Por outro lado, estar nu, sem as vestimentas, despido de qualquer véu, é revelar-se por inteiro, tanto nos aspectos de luz quanto nos de sombra, sem vergonha das próprias fraquezas. É o que faz a autora-narradora-personagem em sua *via crucis*, de corpo e alma, da criação, narrando as suas frustrações, sua falta de dinheiro, sua solidão, seus receios, suas dores, suas necessidades corporais e emocionais. Mostra-se nua: “fiquei sem jeito [...] fiquei nervosa [...] não aguentei” (LISPECTOR, 1974, p. 66).

Jesus pregado à cruz está representado na 11ª estação. Em diferentes momentos, a autora-narradora e os personagens que criou se sentiram pregados à sua cruz. Segundo Stein (1999), o sentimento de aprisionamento à cruz é necessário para a mudança de vida e aceitação daquilo que é o viver. Pregado à cruz, Jesus conversa e perdoa o bom ladrão. A redenção, um dos atributos da cruz, é alcançada pelo perdão a si mesmo e ao próximo. A ficcionista parece saber algo disso quando afirma: “Viver tem dessas coisas” (LISPECTOR, 1974, p. 59). Ou ainda: “A questão é saber aguentar. Pois a coisa é assim mesmo” (LISPECTOR, 1974, p. 60).

E Jesus Cristo morrendo na cruz está representado na 12ª estação. A tensão entre vida e morte está presente em todos os contos do livro. Parece simbolizar o ciclo vital. Ou ainda, a vida em espiral, uma vez que a cada novo ciclo há uma profunda transformação tanto na autora-narradora quanto nos personagens que criou. Os fragmentos a seguir, de falas da autora-narradora-personagem, parecem resumir o percurso doloroso da *via crucis*:

Não há resposta para nada. Fui me deitar. Eu tinha morrido (LISPECTOR, 1974, p. 51).

Viver tem dessas coisas: de vez em quando se fica a zero. E tudo isso é por enquanto. Enquanto se vive (p. 59).

[...] a melancolia me mata aos poucos (p. 60).

Se me descuido, morro. É muito fácil. [...] A gente morre às vezes (p. 62).

Como eu tenho repetido à exaustão, um dia se morre. E morre-se em vermelho e branco (p. 63).

Na 13ª estação, Jesus, já morto, é descido da cruz e entregue à sua mãe, que o acolhe. Como já mencionamos, a questão da maternidade, o próprio Dia das Mães, é um tema recorrente em *A via crucis do corpo*. A autora-narradora-personagem é mãe de seus filhos, mãe de seus personagens, mãe de seu livro e mãe de sua obra literária. Ela escreve a sua *via crucis* da criação no final de semana do Dia das Mães.

A imagem representada na 14ª estação é a deposição de Jesus no sepulcro. Sepultar é pôr um fim, encerrar. Mas sabe-se que Jesus ressuscitará ao terceiro dia. Morre para renascer. A imagem do sepulcro nos remete ao útero, ao casulo, ao invólucro que antecede o nascimento. Miranda (2000) destaca ser no útero o lugar onde nos desenvolvemos, isto é, livramo-nos de amarras, prisões, fantasias, ilusões, sentimentos que aprisionam. Para o autor, “cada indivíduo deve buscar seu verdadeiro lugar na vida, rompendo com envoltórios que limitam

e confundem” (MIRANDA, 2000, p. 109). O sepulcro remete, paradoxalmente, à noção de continuidade, pois acredita-se que a vida continua após a morte, como representada na imagem da ressurreição. Na verdade, o tema da continuidade está presente nos próprios títulos dos contos “Por enquanto” e “Dia após dia”.

A 15ª estação, instituída de modo opcional pelo Papa João Paulo II, explicita a ressurreição de Jesus que se anuncia implícita na estação anterior. A missão de Jesus é ser ponte entre Deus e os homens. Ele tem duas naturezas: a divina e a humana. É chamado de Cristo por ter sido crucificado e ressuscitado ao terceiro dia, unindo a terra e o céu (ROCHA, 2020). Sua cruz é o ímã que atrai para si todas as coisas (João 12:32). Na imagem da cruz estão o alfa e o ômega, o começo e o fim da evolução criadora e transformadora. A *via crucis* é, ao mesmo tempo, um caminho de dor e de amor, de sofrimento e de transformação. A autora-narradora e as personagens que criou rompem com o casulo, com o invólucro, e então renascem, ressuscitam, após dolorosa *via crucis*, de corpo e alma. E assim, após um parto sofrido, nasce o livro. “Hoje é dia treze de maio. É dia da libertação dos escravos. Segunda-feira. É dia de feira livre” (LISPECTOR, 1974, p. 63). E mais adiante: “Estou feliz. [...] apesar do telefonema sobre minha desgraçada obra literária” (LISPECTOR, 1974, p. 66). E conclui: “Viva eu! Que ainda estou viva. E agora acabei” (LISPECTOR, 1974, p. 69).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos 13 contos do livro, o terceiro, é intitulado “*Via crucis*”. Nele, a autora narra em terceira pessoa a história de uma mulher que engravidou virgem. Reguera (2006) e Rocha e Silva (2020) o definiram como paródia. O conto reconta passagens bíblicas, como a *anunciação*, a *visitação* e a *natividade*, e faz menção à preocupação da mãe com a possibilidade de seu filho viver a *via crucis*. Como o conto tem quase o mesmo título do livro, somos motivados a estabelecer um breve diálogo entre a encenação da *via crucis* da criação, por parte da autora-narradora-personagem, e as passagens bíblicas parodiadas no conto, antes de finalizarmos o presente trabalho.

Podemos interpretar a *anunciação* como o telefonema do editor solicitando o livro por encomenda, cujo tema deveria ser, obrigatoriamente, sexo; a virgem mãe é a autora-narradora, que não havia ainda vivenciado a experiência de escrever um livro de contos por encomenda e nem sobre o tema perigoso; o filho é o próprio livro; a *visitação* sugere a visita do filho da autora no Dia das Mães e a sua aprovação ao livro, dizendo que não se importava com o tema, sugere também a visita do bêbado poeta, a quem ela jura não se importar com literatura; a *natividade* refere-se à autora dando à luz o livro, que fica pronto com a simplicidade singular de sua linguagem; e, para completar, na *via crucis* da criação acontece a chuva de críticas negativas, depreciando o livro. Ambos, autora e livro, foram crucificados.

Bonder (1998) explica que a alma traz em si a necessidade de evolução. Isso a força a romper padrões estabelecidos. Clarice Lispector rompeu com tais amarras. Ela já havia alcançado a consagração como escritora, poderia ter permanecido no conforto da repetição de seu estilo. No entanto, decidiu seguir para outros territórios, desobedecendo a preceitos literários, transgredindo normas, indo além e sendo crucificada por isso.

Acompanhando a *via crucis* da autora-narradora e suas personagens em busca da liberdade de criar/viver conforme seus desejos e necessidades, é possível compreender o sentido mais pleno do binômio dor/prazer, sacrifício/amor. Compreendemos que a ação criadora é transgressora como a própria existência humana. A *via crucis* percorrida pelo ser humano ao encontro de sua realização pode ter episódios muito dolorosos com resultados prazerosos. No seu livro, Clarice Lispector parece propor, em transgressão aos preceitos cristãos, que esse caminho passa pelo corpo, a cruz que une em nós o céu e a terra. O corpo, os instintos e os sentidos podem ser interpretados como a *via crucis* que conduz à interioridade e ao conhecimento da alma. Muitas vezes, conhecer-se é um ato transgressor, um ato de desobediência.

Sabemos que o processo de busca de si mesmo é doloroso, sofrido. A autora-narradora-personagem carregou a sua cruz durante os três dias em que se concentrou na escrita dos contos. Gerou-os em seu corpo, no seu útero criador, desenvolveu-os e pariu-os ao terceiro dia. As frustrações experimentadas durante o processo da escrita remetem aos tombos que Jesus sofreu a caminho do Calvário. No entanto, a ressurreição ao final da *via crucis* é a transformação, é a vida nova não apenas do Cristo, mas de cada personagem do livro, e, sobretudo, da autora-narradora-personagem: “Viva eu! Que ainda estou viva. E agora acabei” (LISPECTOR, 1974, p. 69). Acabaram-se a encenação de sofrimento e o seu diálogo com as narrativas bíblicas relacionadas à *via crucis*, estratégia encontrada por Clarice Lispector ao aceitar escrever, de modo transgressor, um livro por encomenda e sobre assunto perigoso.

THE BIBLICAL DIALOGUE IN *A VIA CRUCIS DO CORPO*, BY CLARICE LISPECTOR

Abstract: Literature has been dialoguing with different areas of knowledge for centuries. In this article, we will deal with the dialogue between the Bible and literature, in the work *A via crucis do corpo*, by Clarice Lispector. We will make explicit, in the Claricean text, the passages that refer to the biblical narratives, starting with the title itself, *via crucis*, and we will analyze this dialogue as the way found by the writer to mark an enactment of suffering in writing a book on demand and about sex, a controversial topic at the time.

Keywords: Bible. Literature. Clarice Lispector. *Via crucis*. Short stories.

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- BECHERUCCI, B. Lixo, sim. *Veja*, São Paulo, 31 jul. 1974.
- BLOOM, H. Leio, logo existo. *Veja*, São Paulo, ano 34, p. 11-15, 2001.
- BLOOM, H. *O cânone ocidental*. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- BONAVENTURE, L. Introdução à coleção Amor e Psique. In: HILLMAN, J. *Uma busca interior em psicologia e religião*. São Paulo: Paulus, 1984.
- BONDER, N. *A alma imoral: traição e tradição através dos tempos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

- DEFILIPPO, J. G. A hora do lixo: literatura encomendada de Clarice Lispector. *Signótica*, v. 20, n. 1, p. 83-112, jan./jun. 2008.
- FERRAZ, S. *As faces de Deus na obra de um ateu*: José Saramago. Juiz de Fora: UFJF; Blumenau: Edifurb, 2003.
- FRYE, N. *O código dos códigos*: a Bíblia e a literatura. Tradução Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.
- LISPECTOR, C. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.
- MAGALHÃES, A. *Deus no espelho das palavras*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- MILES, J. *Deus*: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MIRANDA, E. E. de. *Corpo*: território do sagrado. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- MORAES, E. de. A via crucis de Clarice. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 ago. 1974.
- PÓLVORA, H. A arte de mexer no lixo. *Jornal do Brasil*, 13 ago. 1974.
- REGUERA, N. M. de A. *Clarice Lispector e a encenação da escritura em A via crucis do corpo*. São Paulo: Editora Unesp, 2006. *E-book*.
- ROCHA, R. B. de M. S. *Clarice Lispector em “A via crucis do corpo”*: um diálogo entre Literatura, Psicologia Junguiana e Teologia. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.
- ROCHA, R. B. de M. S.; SILVA, T. V. Z. da. Via Crucis de Clarice Lispector. *Teoliterária – Revista Brasileira de Literatura e Teologias*, v. 10, n. 30, p. 70-89, 2020.
- SARENTHÁ, M. *Jesus Cristo ontem, hoje e sempre*. São Paulo: Editora Dom Bosco, 1986.
- STEIN, E. *A ciência da cruz*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- WALDMAN, B. Por linhas tortas: o judaísmo em Clarice Lispector. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte, v. 5, n. 8, p. 1-10, mar. 2011.